



A Rede AKitanda Agroecológica: contribuições para a construção do conhecimento em agroecologia

The AKitanda Agroecological Network: contributions to the construction of knowledge in agroecology

SOUZA, Gleidane de Freitas¹; SANTOS, Eva Pacheco da Silva²; MOURA, Janahina da Silva³; CASTRO, Marina Siqueira de⁴

¹ Universidade Federal da Bahia, Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEA Trilhas, gleidane@live.com; ² Universidade Estadual de Feira de Santana, NEA Trilhas,

vinhameef@yahoo.com.br; ³ Universidade Estadual de Feira de Santana,

janahinamoura5@gmail.com; ⁴ Universidade Estadual de Feira de Santana, Centro de Agroecologia Rio Seco, NEA Trilhas, marinacastro@uefs.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: A agroecologia e a economia solidária vêm, com a união de princípios e práticas pautadas em novos processos socioeconômicos e ambientais, contrapor o sistema de produção agressivo e degradante, através de circuitos curtos de comercialização. A perda desses espaços pode trazer consequências diretas na vida das famílias agricultoras, como enfraquecer o seu processo produtivo e o desenvolvimento de suas práticas, como aconteceu durante a pandemia da COVID-19, onde a criação de redes foi essencial para pensar outras formas de comercialização. Assim, o presente trabalho sistematizou a construção da Rede Akitanda Agroecológica e assinalou as principais contribuições para a construção do conhecimento agroecológico. A construção aconteceu coletivamente, a partir da articulação entre as famílias agricultoras, estudantes, membros do Nea Trilhas e do Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis/UEFS), e professores, assim como o acompanhamento e a transição agroecológica que vem sendo vivenciada pelas famílias.

Palavras-chave: redes de comercialização; agroecologia; COVID-19

Introdução

A agricultura familiar, desenvolvida a partir de bases e perspectivas sustentáveis, proporciona uma diversidade na produção, respeitando a cultura local e os conhecimentos tradicionais. Assegurando uma relação direta com a conservação dos ecossistemas, a diversidade, a proteção da terra e as questões socioambientais a partir da valorização dos saberes tradicionais, de maneira geral a produção agrícola familiar contrapõe os princípios da agricultura limitada e reducionista desenvolvida pelo agronegócio (MENDANHA e COSTA, 2021).

Assim, dialoga diretamente com a agroecologia, *ciência, movimento e prática* que aborda de forma holística todo o conjunto considerando o papel de cada indivíduo, o saber dos agricultores familiares e camponeses, as relações culturais, os valores



locais, bem como os conhecimentos passados de geração para geração. Segundo Gliessman (2001), a perspectiva da agroecologia é buscar o equilíbrio e a sustentabilidade de um sistema, sem tratar a natureza como um objeto de exploração.

A distribuição e comercialização, elementos importantes para a autonomia das famílias agricultoras, ainda é um gargalo em grande parte das propriedades agrícolas familiares, que não conseguem garantir o escoamento dos seus produtos, sofrendo com o controle dos mercados (THRUPP et al., 2014). Nesse contexto, a agroecologia busca, através de uma economia solidária e circular, reconectar os consumidores aos agricultores. Os circuitos curtos de comercialização, construídos a partir da relação estreita entre consumidores e produtores, assegura uma visão diferente acerca do território e da importância de garantir o reconhecimento da responsabilidade de todos os sujeitos que estão envolvidos nos processos de produção e comercialização (DUBAUX e BATISTA, 2017).

As redes, feiras livres e outras formas alternativas de comercialização podem contribuir nas transformações das relações de poder (DAROLT et al., 2011), de maneira a eliminar a figura do atravessador proporcionando autonomia e empoderamento dos agricultores. Assim, a perda desses espaços pode trazer consequências diretas na vida dos agricultores, bem como enfraquecer o seu processo produtivo e o desenvolvimento de suas práticas.

Esse problema foi assistido durante a pandemia da COVID-19 onde, devido às regras de distanciamento criadas para controle do vírus, diversas feiras livres e espaços de comercialização tiveram as suas atividades suspensas. Segundo Claudino (2020), os agricultores que realizavam sua comercialização em feiras livres vivenciaram perdas econômicas expressivas e um aumento da desigualdade social, encontrando nas entregas em domicílio uma alternativa para o escoamento dos seus produtos. Isso foi apontado por Futumma et al. (2021), que também observou impactos negativos da pandemia para as famílias agricultoras, resultando em novas formas de comercialização, com destaque para as entregas em casa.

Neste contexto o presente trabalho buscou sistematizar a trajetória de construção da Rede Akitanda Agroecológica e assinalar as principais contribuições para a construção do conhecimento agroecológico.

Metodologia

O Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis/UEFS) é uma unidade extra campus da Universidade Estadual de Feira de Santana, e está situado no município de Amélia Rodrigues, BA. Abriga o Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEA Trilhas, e juntos vem desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, a partir da participação de estudantes da graduação e pós-graduação da UEFS e de outras universidades, agricultores familiares e quilombolas das comunidades localizadas



no seu entorno, sendo a participação das Comunidades Fazenda Campos e Quatro Estradas mais ativa no projeto da Rede Akitanda Agroecológica.

A sistematização da experiência do projeto Rede Akitanda Agroecológica foi realizada a partir do levantamento das ações com o auxílio de documentos e registros existentes, bem como através do diálogo entre os membros do coletivo e visitas as comunidades. É importante salientar que este trabalho de registro e sistematização acontece continuamente desde 2015, uma vez que as famílias agricultoras se encontram em transição agroecológica, processual e contínua.

As disciplinas Comunidades Aprendentes, ministradas pela Profa Marina Siqueira de Castro são trabalhadas em torno de um tema a cada três semestres (bloco da disciplina formado pela comunidade aprendente I, II e III), assim a inserção dos resultados da participação da disciplina no projeto foi possível através dos relatórios e registros realizados.

Resultados e Discussão

A Rede Akitanda Agroecológica teve como precursora a Feira Akitanda Agroecológica. O projeto foi desenvolvido a partir da demanda de agricultores familiares que buscavam a comercialização de seus produtos de forma autônoma, sem a presença de atravessadores e do controle do mercado externo. Através da construção coletiva, a discussão aconteceu entre membros no Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA Trilhas, do Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis/UEFS), e de estudantes das disciplinas de Comunidade Aprendente do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), além das famílias agricultoras das comunidades do entorno do Cearis.

Por meio de ferramentas como rodas de conversa, visitas as comunidades, aplicação de diagnóstico participativo, oficinas, mutirões, dentre outras atividades, a utilização de metodologias participativas foi essencial na construção e manutenção da relação entre os sujeitos envolvidos. Segundo Kummer (2007), a participação de todos deve ser assegurada a partir do empoderamento, onde a construção do conhecimento aconteça de maneira coletiva, sendo as decisões tomadas em conjunto. O uso de metodologias participativas pode facilitar o diálogo entre técnicos, estudantes e agricultores, permitindo a valorização dos saberes tradicionais (OLIVEIRA, 2015).

Foi a partir desse processo coletivo que as famílias agricultoras passaram a pensar em uma mudança mais efetiva nos seus canais de comercialização, buscando alternativas caracterizadas pela economia solidária, a reciprocidade, a proximidade com o consumidor e principalmente pela autonomia e o emponderamento, resultando na construção de uma feira agroecológica. Dentro das organizações comunitárias, os chamados circuitos curtos de comercialização são uma alternativa encontrada pelos agricultores para driblar a presença dos atravessadores nas



comunidades e criar uma relação mais próxima entre consumidores e parceiros (CONTRIGIANI, 2021).

As disciplinas de Comunidade Aprendizante foram essenciais no processo de construção, uma vez que o projeto se tornou tema de discussão durante diversos ciclos da disciplina, apoiado pelos trabalhos do Nea Trilhas e do Cearis. Como resultado do trabalho de diversas mãos, a Feira Akitanda Agroecológica tem sua primeira edição em dezembro de 2019, no Centro de Agroecologia Rio Seco, espaço escolhido pela confiança na condução de processos de mediação (figura 1).

No entanto com a pandemia do COVID-19 as atividades precisaram ser paralisadas e outras alternativas surgiram para que o trabalho continuasse. As famílias agricultoras perderam então seu principal meio de comercialização que eram as feiras livres, como a Feira Akitanda Agroecológica, e a alternativa encontrada pelo coletivo após discussões foi a criação de uma rede de comercialização com entregas em domicílio.

Seguindo os princípios da economia solidária e agroecologia, a partir da perspectiva da coletividade, do diálogo horizontal e da troca de conhecimentos, a Rede Akitanda Agroecológica iniciou suas entregas nas cidades de Salvador e Feira de Santana, a partir da mobilização de estudantes, técnicos e das famílias agricultoras, sempre tomando os cuidados necessários devido ao período pandêmico (figura 1). Foi a partir dos processos de organização comunitária e da construção de redes que, durante a pandemia da COVID-19, as famílias agricultoras conseguiram garantir a comercialização de seus produtos através de entregas em domicílio, ampliando os canais de comercialização (BANDEIRA E LIMA, 2021). A importância da organização em redes, da autonomia e empoderamento dos sujeitos envolvidos e do fortalecimento de iniciativas de comercialização são importantes, e a permanência das atividades da Rede Akitanda Agroecológica mesmo após o período pandêmico reforça tal relevância.



Figura 1. (a) Construção das barracas para a Feira Akitanda Agroecológica por estudantes da disciplina Comunidade Aprendizante; (b) Coletivo da Feira Akitanda Agroecológica na primeira edição no Cearis; (c) Entrega da Rede Akitanda Agroecológica em Salvador durante período pandêmico.



No que diz respeito ao processo formativo dos sujeitos envolvidos, a construção do projeto da Rede Akitanda Agroecológica, caracterizada fortemente pela coletividade, levou as famílias agricultoras refletirem criticamente não só sobre a lógica massacrante do mercado convencional, como também sobre os seus espaços de inserção e os sistemas de produção utilizados. O processo de transição agroecológica realizado pelas famílias agricultoras parceiras do Cearis se fortaleceu, acontecendo a partir do acompanhamento das famílias, promovendo a construção do conhecimento agroecológico a partir da troca dos saberes.

O acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos agricultores nas comunidades, bem como os processos formativos foram realizados com base na perspectiva da extensão rural agroecológica e do diálogo de saberes, sendo apoiados por estudantes bolsistas do Cearis/UEFS, estudantes das disciplinas de Comunidade Aprendiz, bem como membros do NEA Trilhas. Através de oficinas, vivências, dias de campo, mutirões, visitas as propriedades e reuniões. Dessa forma, articular os espaços coletivos foi importante para a manutenção do projeto, bem como para manter os envolvidos articulados e dialogando entre si, principalmente após as dificuldades enfrentadas com o período pandêmico.

Dentre as atividades desenvolvidas no ano de 2022, a realidade de uma das famílias despertou a necessidade de uma atenção maior, surgindo como uma demanda durante as reuniões realizadas. Devido à queda na produção, a família produtora de ovos caipiras precisou de alternativas para a alimentação das aves sendo necessário um maior aprofundamento no assunto acerca da alimentação das aves a partir do manejo com base nos princípios agroecológicos, bem como a realização de visitas periódicas a propriedade da família para auxiliar de forma prática na transição. Com base no que a família possuía de insumos, foram propostas mudanças na alimentação das aves a partir do fornecimento de rações alternativas produzidas pelo próprio agricultor (figura 2).



Figura 2. (a) Aves da propriedade da família; (b) Agricultor realizando o manejo das bananeiras para utilizar as folhas na alimentação das aves; (c) Reunião com o agricultor; (d) Plantio de hortaliças em consórcio.



Conclusões

A Rede Akitanda Agroecológica foi construída de forma coletiva, através da organização de famílias agricultoras que buscaram outras formas de comercialização a partir das dificuldades encontradas com a pandemia da COVID-19. O processo desenvolvido a partir da participação de todos os sujeitos envolvidos leva o empoderamento e o fortalecimento das redes. Além disso, com a participação de diversos sujeitos, o processo de transição agroecológica é construído também a partir da dinâmica coletiva e plural, através da troca de saberes e dos diálogos entre os diversos conhecimentos.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, G. W. G.; LIMA, N. Q. Estratégias de Comunicação de Organizações da Sociedade Civil e da Agricultura Familiar para o Abastecimento Alimentar em Tempos de Pandemia da Covid-19. **XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã**. 2021.
- CLAUDINO, L. S. D. Impactos dos primeiros meses de pandemia de COVID-19 para a agricultura familiar paraense e como a agroecologia pode apoiar a superação. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, p. 40-54, 2020.
- CONTRIGIANI, A. C. **Circuitos curtos de comercialização por meio de cestas agroecológicas: sustentabilidade socioeconômica na agricultura familiar**. 2021. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal De São Carlos, Araras, 2021.
- DUBAUX, A., BATISTA, M. P. Agroecologia e economia solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. *Redes*. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, 2017.
- FUTUMMA, C. et al. A pandemia da Covid-19 e os pequenos produtores rurais: superar ou sucumbir? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 16, 2021.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. 653 p.
- KUMMER, L. *Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. Conceitos, ferramentas e vivências*. **Salvador: GTZ**, 2007. 155 p.
- MENDANHA, J. F.; COSTA, K. G. PENSANDO SOBRE AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, v. 15, n. 2, p. 9-32, 2021.
- OLIVEIRA, M. L. R. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. **Em Extensão**, v. 14, n. 1, p. 30-51, 2015.
- THRUPP, L. N.; COLOZZA, D.; CHOPTIANY, J. The influence of food systems on the adoption of agroecological practices: Political-economic Factors that hinder or Facilitate change. In.: FAO. *Agroecology for food Security And nutrition Proceedings of the FAO international symposium*. Italy, 2014.